

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

QUINTER TSITSURU TSU'UTUMRÊMEDI

**ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO  
NA ESCOLA MULTISSERIADA A'UWÊ UPTABI  
XAVANTE**

SOROCABA

2023

GUINTER TSITSURU TSU'UTUMRÊMEDI

**ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO  
NA ESCOLA MULTISSERIADA A'UWÊ UPTABI  
XAVANTE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba, para obtenção do título de licenciado em Pedagogia.

**Orientador:** Prof. Dr. Geraldo Tadeu Souza

**Co-Orientador:** Prof. Dr. Hylío Lagana Fernandes

SOROCABA

2023

Tsu'utumrêmedi, Ginter Tsitsuru

Alfabetização e letramento na escola multisseriada A 'Uwê  
Uptabi Xavante / Ginter Tsitsuru Tsu'utumrêmedi -- 2023.  
39f.

TCC (Graduação) - Universidade Federal de São Carlos,  
campus Sorocaba, Sorocaba

Orientador (a): Geraldo Tadeu Souza

Banca Examinadora: Hylío Laganá Fernandes, Lucia Maria  
Salgado dos Santos Lombardi, Maria Walburga dos Santos

Bibliografia

1. Escola Indígena. 2. Xavante. 3. Ensino Fundamental. I.  
Tsu'utumrêmedi, Ginter Tsitsuru. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Maria Aparecida de Lourdes Mariano - CRB/8 6979



**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS**  
**COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA - CCPedL-So/CCHB**

Rod. João Leme dos Santos km 110 - SP-264, s/n - Bairro Itinga, Sorocaba/SP, CEP  
 18052-780

Telefone: (15) 32295978 - <http://www.ufscar.br>

DP-TCC-FA nº 10/2023/CCPedL-So/CCHB

**Graduação: Defesa Pública de Trabalho de Conclusão de Curso**

**Folha Aprovação (GDP-TCC-FA)**

**FOLHA DE APROVAÇÃO**

**Günter Tsitsuru Tsu'Utumrémédi**

**alfabetização e letramento na escola multisseriada a'uwê uptabi xavante**

**Trabalho de Conclusão de Curso**

**Universidade Federal de São Carlos – *campus* Sorocaba**

Sorocaba, 17 de março de 2023

**ASSINATURAS E CIÊNCIAS**

Cargo/Função	Nome Completo
Orientador	Prof.º Geraldo Tadeu Souza, Dr.º
Coorientador	Prof.º Hylío Laganá Fernandes, Dr.º
Membro da Banca 1	Prof.ª Maria Walburga dos Santos, Dr.ª
Membro da Banca 2	Prof.ª Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi, Dr.ª

	Documento assinado eletronicamente por <b>Geraldo Tadeu Souza, Professor(a) Efetivo(a)</b> , em 20/03/2023, às 17:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do <a href="#">Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015</a> .
	Documento assinado eletronicamente por <b>Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi, Professor(a)</b> , em 20/03/2023, às 22:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do <a href="#">Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015</a> .
	Documento assinado eletronicamente por <b>Maria Walburga dos Santos, Professor(a) Efetivo(a)</b> , em 22/03/2023, às 09:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do <a href="#">Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015</a> .
	Documento assinado eletronicamente por <b>Hyllo Lagana Fernandes, Professor(a)</b> , em 22/03/2023, às 18:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do <a href="#">Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015</a> .
	A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <a href="https://sei.ufscar.br/autenticacao">https://sei.ufscar.br/autenticacao</a> , informando o código verificador <b>0979860</b> e o código CRC <b>8485FAB8</b> .

**Referência:** Caso responda a este documento, indicar expressamente o Processo nº 23112.007132/2023-03

SEI nº 0979860

Modelo de Documento: Grad: Defesa TCC: Folha Aprovação, versão de 02/Agosto/2019



## Dedicatória

Dedico este trabalho a Paulo Freire pelo conhecimento universal e por me dar a oportunidade para começar o diálogo entre a sabedoria e o conhecimento. Dedico também ao meu pai e à minha mãe pelo carinho, confiança, apoio e reforço dado ao longo da minha vida para que tudo que tenho possa ser realizado. E à minha parceira Adozia Rêtui'we A uweroi're amo como ama o amor mesmo à distância e perto. Aos Professores Doutores Geraldo Tadeu Souza e Hylío Lagana Fernandes que contribuíram muito para eu realizar o meu trabalho e outros professores também. Amigos e amigas pelo apoio durante o meu estudo para chegar ao meu objetivo. Todo o meu respeito com carinho e amor dedico aos ancestrais Tsererowe, Wa'õre e Mahörödine que me deram a oportunidade pela sabedoria, força, energia, respeito, união, amor e paz para que possa escrever na escrita a sabedoria e o conhecimento.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente eu quero agradecer a Deus, à virgem Maria e ao nosso irmão Jesus, que me deram a oportunidade de realizar o meu objetivo com o meu trabalho. Profundamente agradecido também que me deram à luz no meu caminho, pela flor e amor da minha jornada.

Também quero agradecer ao nosso Danhimite pela energia, força e purificação para chegar ao meu objetivo de agora. Gratidão, Gratidão e Gratidão ao Grande Espírito “Danhimite”.

Eu quero agradecer a linhagem dos meus anciãos, respeitosamente pela honra e com respeito os meus Bisavôs Tsererówê e A´édzané e avôs Wa´óré e Mahörödine e avós Rêwanari´õ e Petsi´rui´õ. Agradeço que me deram a energia e a força da sabedoria deles, pela união, respeito, humildade e amor.

Eu quero agradecer a todas as comunidades da aldeia Tsi´rãmi (Serra da Floresta), principalmente os anciãos, professores indígenas, alunos(as) e crianças.

Agradecendo também a escola indígena São José Tsi´rãmi que me deu a oportunidade para realizar o trabalho sobre a escola “A´UWÊ UPTABI XAVANTE”.

Por compartilharem comigo a sabedoria, pelo apoio, confiança, respeito que me receberam bem na escola: Mateus Tserenhowatsihu Tseredzé, Vicêncio Tsa´amri Uratsé, José Uratsé Aihé´édi, Mercedes Ró´ó´rãhipa Tsöröpré, Luiz Miguel Aptsara´rã, Crescêncio Waihiwê Pini´awê, Adalto Tseré´wanhitsérêwê Tserewarõtöwê.

Agradecendo também os jovens que me apoiaram neste trabalho: Horácio Tsirui´a Wedu, Delfim A´édzane Wa´óré, Celson Tserehobabate Tserenhowatsihu, Josias Tseredza´õtowe Wedu, George Woz Tseré uptabire õmohi, Vandriilo Goiano Tsahobo Wedu.

Profundamente, agradeço a todas as comunidades da aldeia, especialmente os anciãos (as), jovens, professores, alunos (às), homens e mulheres. Agradecido também pelo meu trabalho, trouxe a consciência pela união, esperança, confiança, respeito, humildade e amor sobre a sabedoria ancestrais.

Agradeço aos meus professores Dr. Geraldo Tadeu Souza e Hylio Lagana Fernandes, que me receberam com muito respeito, paciência e confiança para



serem orientadores. Muito agradecendo com a paciência, no conselho e o amor pelo meu trabalho.

Agradeço também a Patrícia Martins Vaz pela sua colaboração na palestra sobre a educação infantil para o ensino fundamental pelo carinho do trabalho, respeito e união.

Eu quero agradecer também à primeira turma da pedagogia do ano de 2015, pelo respeito, carinho e amizade, com meu respeito e amizade a aqueles (as) que se esforçaram para me apoiar durante o meu estudo.

Agradeço também o Nicolino Tsiprã Uratsé e José Robri Umnhaté, pela confiança e respeito. Eles deram os conselhos para ter o acesso para me inscrever no vestibular indígena na UFSCar.

Muito agradecido também às ações afirmativas pela oportunidade de vaga para os indígenas dentro da Universidade Federal de São Carlos.

Eu quero lembrar e agradecer com o meu respeito e sentimentos na frente, os avôs Cosme Constantino Wa'õré, Antônio A'édzane Tsirui'a, Vicente Uratsé Wéré'é, e a vós Isaurina Petsi'ruí'õ A'édzane, Euzeri Rêwanari'õ A'édzane, Maria Antônia Pewewawe, e tia Jesuína Ró'ó dzub'õ Uratsé, e primo Deguismar Tserepadzaiwe Wamri, e sogra Zélia Cristina Pewadzari'õ Tseretsu, pelo amor e confiança para chegar o meu objetivo. Agradecido pelo conselho, orientação, esforço, confiança, conhecimento e sabedoria dos ancestrais.

Eu agradeço o meu parceiro tio Delfim A'édzane Wa'õré, pelo conselho, esforço e confiança para chegar ao meu objetivo. Aprendi pelo seu respeito, união e amor entre a família.

O meu pai Venâncio Tsu'utumrêmédi Mahörödine e a minha mãe Maria Roselaine Tsinhõtsê'ê wadzeb'õ Uratsé, eu agradeço muito pela oportunidade que o filho está realizando o seu objetivo por sua confiança, conselho, esforço, paciência e amor.

Também os irmãos (as), agradeço pelo esforço, confiança, união e amor, que me deram para realizar o meu objetivo. Agradecido pelas saudades que vocês sentiram da minha falta dentro de casa, essas saudades que temos dentro da nossa família é muito aprendizagem que eu aprendi durante o meu estudo. As saudades trouxeram o ensinamento de sustentação, força, firmeza para não desistir no meio do caminho.

Especialmente eu quero agradecer os meus filhos pela confiança, paciência e amor.

Também quero agradecer a minha companheira esposa Adozia Rêtui'we A uwerói're, pelo respeito, esforço, paciência, confiança e amor. Muito agradecida por tudo profundamente no meu coração pela aprendizagem de oito anos para realizar o meu objetivo.

## RESUMO

O objetivo da minha pesquisa é apresentar a realidade da escola multisseriada Indígena A'uwê Uptabi São José Tsira'mi, e dar visibilidade ao desafio atual dos docentes Indígenas Xavante para alfabetizar na escrita das duas línguas – língua Xavante e língua portuguesa. A ideia do meu projeto é registrar como se dá o processo de construção da alfabetização das crianças no espaço escolar e na cultura Xavante. Para isso, busquei o conhecimento dos docentes indígenas e esse resgate se deu na escola indígena multisseriada **A'UWÊ UPTABI XAVANTE**. Os professores e Paulo Freire entraram em diálogo para eu realizar este trabalho. A criança entra em contato com o mundo na escola xavante, lendo o mundo ao redor, o movimento do dia a dia, na alfabetização e letramento da língua portuguesa nas páginas do livro e no mundo da sabedoria. A construção deste TCC é o resgate do valor da sabedoria dos docentes indígenas como principal protagonista, ou seja, resulta de um processo de construção na escrita em língua Portuguesa e língua Xavante. Nossa intenção com o TCC é transformar conhecimento tradicional em aprendizagem significativa.

Palavras-chave: Criança Xavante. Alfabetização. Escrita. Língua Portuguesa. Língua Xavante. Escola Multisseriada. Professor Indígena.

## ABSTRACT

The objective of my research is to present the reality of the multigrade Indigenous school A'uwê Uptabi São José Tsira'mi, and to give visibility to the current challenge of the Xavante Indigenous teachers to teach literacy in the writing of both languages - Xavante language and Portuguese language. The idea of my project is to record how the process of building children's literacy takes place in the school space and in the Xavante culture. For this, I sought the knowledge of indigenous teachers and this rescue took place at the multi-grade indigenous school A'UWÊ UPTABI XAVANTE. The teachers and Paulo Freire entered into a dialogue for me to carry out this work. The child comes into contact with the world at the Xavante school, reading the world around, the day-to-day movement, in literacy and literacy of the Portuguese language in the pages of the book and in the world of wisdom. The construction of this TCC is the recovery of the value of the wisdom of indigenous teachers as the main protagonist, that is, it results from a construction process in writing in Portuguese and Xavante languages. Our intention with TCC is to transform traditional knowledge into meaningful learning.

Keywords: Xavante child. Literacy. Writing. Portuguese language. Xavante language. Multigrade School. Indigenous Teacher.

## SUMÁRIO

<b>Apresentação</b>	<b>08</b>
<b>CAPÍTULO 1 - A CULTURA A´UWE UPTABI E A ESCOLA FORMA</b>	<b>12</b>
<b>1.1 A Escola Multisseriada A´uwê Uptabi</b>	<b>19</b>
<b>CAPÍTULO 2 - A EDUCAÇÃO MULTISSERIADA NA ESCOLA INDÍGENA A´UWÊ UPTABI</b>	<b>22</b>
<b>2.1 Relatos dos Professores Indígena A´uwê Uptabi na minha narrativa</b>	<b>23</b>
<b>CAPÍTULO 3 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO EM LÍNGUA PORTUGUESA E LÍNGUA XAVANTE NA ESCOLA MULTISSERIADA A´UWE UPTABI</b>	<b>26</b>
<b>3.1 Diferenças entre a Alfabetização em Língua portuguesa e a Alfabetização em Língua Xavante</b>	<b>28</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>30</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>34</b>

## APRESENTAÇÃO

Meu nome é Ginter Tsitsuru Tsu'Utumrêmedi. Ginter é meu nome em português. Na aldeia, se usa o nome de respeito. Meu pai nunca me chamou pelo nome Ginter, ele me chama de Aibo, que é o nome do respeito, porque já passei todo o ciclo do rito de passagem do adolescente. Por isso, agora me chamam de Aibo. Ginter só está nos documentos e na carteira de vacinação. Só usam meu nome em português fora da Aldeia. Primeiro eu aprendi a escrever meu nome, Ginter em língua portuguesa, e depois meu sobrenome em língua materna xavante. No cotidiano da aldeia, a gente usa o nome de respeito.

Inicialmente, proponho contar sobre a minha trajetória escolar e acadêmica e como cheguei ao tema discutido neste Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia.

Nasci na aldeia São José Tsi'rãmi, T.I São Marcos, e sempre estudei em escola pública. Eu era menino, eu estava na minha Aldeia. Meu pai me levou para a Aldeia São Marcos, em 2001, para eu fazer a escola Dom Filipi Rinaldi. Eu entrei na escola sem saber nada de alfabetização e letramento, vogais, consoantes.

Eu estudei 8 anos na aldeia São Marcos, mas depois, de 2005 até 2009, morei na minha aldeia. Todo dia, eu ia de bicicleta para a aldeia São Marcos estudar na escola indígena Dom Filippo Rinaldi. Depois, em 2010 e 2011, mudei para a cidade Barra do Garças, ingressei no ensino médio, estudava na escola Estadual Cristino Cortes. Mas não procurei trabalho, conheci colegas da sala que me ensinaram a dialogar com a língua portuguesa escrita e ajudar no trabalho de grupo.

Voltei para a aldeia Nossa Senhora da Guia em 2012 para participar do rito de passagem para os afilhados adolescentes com *wapté*, para que eu, junto com meu grupo etário, *Abare'u*, me formar rapaz com *Ritéi'wa*, ou seja, me preparar para ser padrinho no próximo ritual. Continuei o ensino médio para me formar na escola indígena "Juscelino Tserema'a" em 2014. No mesmo ano, fiz dois vestibulares indígenas na UFG e na UFSCar, mas consegui passar na UFSCar.

A UFSCar é uma instituição federal que tem cota reserva de vagas indígenas. Meus veteranos dois companheiros foram Nicolino Tsiprã Uratsé que fez Biologia Bacharelado Integral, e José Robri Umnhaté que concluiu Licenciatura Plena em

Pedagogia. Eles me contaram sobre o vestibular indígena. Depois de passar a informação, fiquei muito emocionado, também desejei muito chegar na universidade pública, e me preparei para o vestibular indígena UFSCar, em 2014.

Fiz o 3º ano do Ensino Médio no mesmo ano que me inscrevi no vestibular indígena para o Curso Licenciatura Plena em Pedagogia Campus Sorocaba. Fiz vestibular presencialmente na sede da universidade em São Carlos junto com meus parentes indígenas.

Em 2015, eu e meu grupo Abare'ú fomos reconhecidos pela comunidade como padrinhos para o rito de passagem do adolescente Xavante. No mesmo ano, entrei na Universidade Federal de São Carlos, Campus Sorocaba.

A minha chegada na Universidade Federal de São Carlos, Campus Sorocaba, foi a realização do meu sonho, Universidade pública e Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia. Mas no início do curso, encontrei muita dificuldade porque minha língua materna é xavante e tinha que escrever muito em língua portuguesa.

Na universidade, minha turma do 1ª e 2ª anos mudaram minha experiência. Mas durante o semestre dentro da sala, três grandes meus companheiros sempre me ajudaram e também a todos da turma: Marcos Antônio Santos de Souza, Érico Vinicius Fonseca dos Santos e Graci Marieli Vieira de Arruda. Durante meu período de formação, eles sempre me ajudaram com as atividades, a realizar os trabalhos de grupo, dupla ou trio. Até hoje, eles me ajudam com dúvidas no livro texto e a resolver minhas dificuldades.

A relação entre as obrigações da cultura Xavante e as da universidade me trouxeram novas experiências. Durante os semestres, procurei me organizar para trocar experiências com outros estudantes não indígenas. Em 2019, tive o rito de passagem para os afilhados adolescentes com “wapté” e eu não participei como padrinho porque estava aqui na universidade e a minha comunidade xavante me apoiou nessa decisão.

Desenvolvi meus estágios na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental em escolas não-indígenas em Salto de Pirapora e Sorocaba. Na escola de educação infantil, tinha muito material didático e brinquedos para alfabetização e letramento em língua portuguesa e matemática. E na escola de anos iniciais, a professora realizava atividades de leitura de livros de literatura infantil, e

usava livros didáticos e jogos durante a rotina de alfabetização e letramento das crianças.

Depois desses estágios, fiquei interessado em estudar no meu TCC a escola indígena multisseriada A'uwê Uptabi da minha aldeia, a maneira como os professores compartilham o resgate escrito da língua xavante e da língua portuguesa. Dentro da escola, meu objetivo era observar como a cultura da sabedoria e o reconhecimento dos ancestrais xavantes estavam presentes. Esse estudo logo se tornou a problemática desta investigação que foi desenvolvida a partir da perspectiva da cultura xavante.

Um outro objetivo, durante a observação da escola indígena multisseriada A'uwê Uptabi, era verificar se na escola tinha material didático, livros didáticos, livros de literatura infantil e jogos para o desenvolvimento da alfabetização e letramento das crianças xavante em língua materna xavante, e em língua portuguesa como eu havia visto durante meu estágio nas escolas não indígenas de Salto de Pirapora.

Em 2020, por causa da pandemia de Covid-19, eu voltei para a minha aldeia para ficar em isolamento com a minha comunidade durante dois anos. Nesse período, pude observar a realidade da escola A'uwê Uptabi da minha aldeia, a Escola São José Tsi'rãmi.

Atualmente, dentro da minha aldeia, São José Tsi'rãmi, tenho a confiança das comunidades e da família e anciões. Depois tive a confiança na Universidade dos meus parentes indígenas e não indígenas, e também dos professores. Mas até hoje vejo durante meu estudo que ainda falta bastante construção para a escola indígena multisseriada A'uwê Uptabi, principalmente sobre a importância da alfabetização e letramento para as crianças em língua materna xavante e língua portuguesa. Também tive orientação em conversas com professores e professoras indígenas para compreender durante o trabalho deles como atuar em uma escola indígena.

No presente, estou fazendo estágio junto com o professor Mateus Tserenhowatsihu Tseredzé na escola da minha aldeia, Escola São José Tsi'rãmi, o que está transformando o meu trabalho de futuro educador indígena. Meu trabalho é o amor das comunidades e professores para com crianças indígenas.



## CAPÍTULO 1 - A CULTURA A´UWE UPTABI E A ESCOLA FORMAL

O papel da escola indígena é a valorização da nossa cultura, dos nossos ancestrais e da nossa língua Xavante. Para Tsimbarana´õ (2018, p. 17), “Isso é o conhecimento milenar desde surgimento do povo wamari wede waihi wedehupodo A´uwe uptabi- Xavante, desde também que o povo foi dividido em dois (02) clã poredza´õno e öwawê, isso não surgiu por acaso, vem ser praticando geração em geração até agora”. A figura abaixo apresenta os dois clãs do nosso povo com os significados de cada um deles.

### SIMBOLOS E SIGNIFICADO DOS CLÃS

1. CLÃ	2. SIGNIFICADO	3. SIMBOLOS
POREDZA´ÕNO	GIRINO	
ÖWAWÊ	RIO GRANDE	

Fonte: Rupré, 2018.

Atualmente na escola, primeiro as crianças têm de aprender o conhecimento dos ancestrais. Esse clã é importante e respeita os meninos e meninas dentro da cultura. Durante seu processo formativo,

todos os grupos de meninos adolescentes têm que passa no Ho (casa de adolescente), para que a comunidade e os anciões e as pessoas que já passaram no HO saiba que grupo ele vai pertence a vida toda, depois disso ele pertence de oito (08) que foi dividido em quatro (4) que está citado na tabela 1. (TSIMBARANA´Õ, 2018, p. 18)

Dentro de cada clã, tem os grupos conforme figura abaixo:

**TABELA 1**

<b>A – OUTROS GRUPOS SÃO:</b>	<b>B – MEUS GRUPO SÃO:</b>
• <b>ETEPA</b>	• <b>TIROWA</b>
• <b>NODZO´U</b>	• <b>ABARE´U</b>
• <b>TSADA´RO</b>	• <b>ÃNAROWA</b>
• <b>HÖTÖRÃ</b>	• <b>AIRERE</b>

Fonte: Rupré, 2018.

Desde que a criança vai para a escola aos 4 anos, ela começa a sua formação educativa dentro da cultura Xavante. Cada uma das etapas de sua formação tem um nome na língua Xavante.

### **ETAPAS DE FORMAÇÃO EDUCATIVA XAVANTE**

**A – AI´UTÉ – CRIANÇA**

**B – AI´REPUDU – PRÉ – ADOLESCENTE**

**C – WAPTÉ – ADOLESCENTE**

**D – RITÉI´WA – RAPAZ**

**E – DANHÕHUI´WA – PADRINHO**

**F – PRÉDZAMRÕI´WA – PRÉ – ANCIÃO**

**G – IPRÉDU – ANCIÃO**

Fonte: Rupré, 2018.

Segundo Tsimbarana´õ (2018, p.22), cada uma dessas etapas correspondem

a

tudo isso que aprendemos: o ensinamento milenar, o conhecimento da nossa família desde o início da nossa formação educativa, através das transmissões da oralidade, é tudo que vivenciamos e praticamos em nossos cotidianos. Isso que eu chamo Dahoimana prédu, o respeito das nossas raízes e pela cultura e pela identidade, porque sem a sua cultura sem a sua identidade não tem Dahoimana prédu. (TSIMBARANA´Õ, 2018, p. 22)

Respeitar as nossas raízes pela cultura e identidade, principalmente dentro da escola, é motivo para ensinamento junto com os professores. É realmente educação com formação do conhecimento ancestral.



Fonte: Foto do autor Guinter Tsitsuru Tsu'Utumrêmedi.

É objetivo dentro da sala de aula mostrar quais são as pinturas para dança. Então, pintura vermelha usa com calça vermelha, também pintura preta usa com calça preta. Antes de alguma comemoração, os professores fazem planejamento com as crianças.

Primeiramente, para a criança indígena, dentro da escola, sempre teve dia 19 de abril, dia dos indígenas. Todo ano a escola faz uma comemoração importante: Dia internacional, descobrimento da ancestralidade.

Também, dentro da sala de aula, professores ensinam a dançar e cantar, juntos com meninos e meninas. Assim os professores ensinam primeiro a importância da cultura xavante para as crianças porque a nova geração, meninos e meninas, ainda não aprenderam tudo da dança e canto Xavante. Abaixo, tem alguns

adornos para o corpo que dança e material usados para pintura, seguido de uma foto que tirei das crianças Xavante.

<b>DANHÕ´REBDZU´A</b>	<b>GRAVATA</b>
<b>DA UTSI</b>	<b>CINTO</b>
<b>WEDENHÕRÕ</b>	<b>PULSEIRAS</b>
<b>BÕ</b>	<b>URUCUM</b>
<b>WEDEPRÕ</b>	<b>CARVÃO</b>



Fonte: Foto do autor Guinter Tsitsuru Tsu´Utumrêmedi.

É papel dos pais contar a história, saber sobre respeito, sabedoria da ancestralidade Xavante. Também sempre os pais aconselham durante o dia ou à noite. Depois o avô também conta a história dele para receber e facilitar o conhecimento das crianças. O menino e a menina vão crescendo bem educados, aprendem respeito das outras pessoas: anciãos, adultos, sociedade. É responsabilidade de todos dentro família e comunidades cuidar das crianças da aldeia.

Assim é a transmissão do conhecimento xavante para educação da criança xavante antes de entrar na escola indígena e depois para avançar dentro da escola uma responsabilidade de todos da comunidade: os(as) anciãos (ãs), os avós, o pai, a mãe e os tios. Essa responsabilidade continua depois na escola com os ensinamentos da professora e do professor indígena.

#### O conhecimento da criança xavante

<b>DAMA</b>	<b>PAI</b>
<b>DAMAMA WAPTÉ, DAMAMA AMO</b>	<b>TIOS</b>
<b>DANA</b>	<b>MÃE</b>
<b>DANA WAPTÉ, DATEPE</b>	<b>TIAS</b>
<b>DA´RADA</b>	<b>AVÔ</b>
<b>DA´RADA PI´Ô</b>	<b>AVÓ</b>
<b>IPRÉDU</b>	<b>ANCIÃO</b>

Quando eu era menino, estudava na escola Dom Filippo Rinaldi, aprendi a nossa cultura junto com meu ex-professor João Batista Tsi´õmowê. Quando entrei na escola, eu não sabia dançar e cantar, aí ele me ensinou quando tinha alguma comemoração para cantar e dançar com meus colegas.

Também temos muitas brincadeiras tradicionais para crianças sempre serem felizes dentro da aldeia e conhecerem um amigo. E também tem brincadeira de grupo com vencedor e perdedor.

### Brincadeira Tradicional Xavante

Costas batalha nos ombros	Datsi wapé o´re dapaihina
Peteca	Um´rãtãna dané
Piã	Tõmoti
Rio de onça	Hu´u re na dató
Estilingue	Ihöiwara tede

Na brincadeira dentro do rio, *Datsiwapé o´re*, primeiro, umas crianças devem subir nos ombros das outras dentro da água. Vence a dupla que derrubar a dupla adversária, a cada grupo.

A peteca e a perna de pau são brincadeiras em que podemos esticar os braços e as pernas na posição, sem objetivos embalados ou com o corpo leve ou firme para os seres atingidos. A corrida desenvolve as pernas. Como era a posição das pernas direita ou esquerda para poderem correr mais.

Uma outra brincadeira é o Tõmoti que tem objetivo de fazer o pião de tãmoti do grupo girar por mais tempo dentro do círculo. Assistir ao jogo sentado no chão e acompanhar a contagem dos pontos de todos grupos participantes é muito divertido. Para fazer o tãmoti, a gente usa talo de buriti, plástico, jornais e couro de veado. Depois de adolescente, os meninos não jogam mais essa brincadeira.

Rio de onça, *hu´u re na dató*, essa também é uma brincadeira que as crianças adoram brincar no rio. Sempre tem um vencedor e um perdedor. As crianças sempre jogam em frente as mulheres enquanto elas lavam roupas no rio. Sempre tem que cuidar das crianças.

Estilingue é uma brincadeira só dos meninos, para eles aprenderem a caçar e treinarem o futuro. Quando crescerem, eles vão caçar os animais para comer. Então os meninos caçam passarinhos junto com amigos deles, mas não longe não. Eles têm que brincar perto da aldeia e perto da casa na frente das comunidades.

Também tem brincadeiras escolares na aldeia São Marcos dentro da escola Dom Filippo Rinaldi. A brincadeira Bexiga amarrada no tornozelo para estourar é uma brincadeira não indígena que as crianças adoram. Outra brincadeira é a

Corrida Sentada no chão, esse também é um jogo do não indígena dentro da escola. A escola tem premiação de bola e camiseta para os alunos vencedores.



**Fonte:** Foto do autor Guinter Tsitsuru Tsu'Utumrêmedi.

Brincadeira Pau de sebo, também é uma nova brincadeira dentro na escola, crianças gostam muito de subir para ganhar premiação. As crianças se vestem e se pintam de acordo com a cultura Xavante antes de começar jogos da brincadeira dentro da escola.

Os professores organizam as comunidades da aldeia para pintar as crianças antes de ir para a escola. Mas não só as crianças fazem pinturas, também os professores. É o nosso jeito de valorizar a pintura corporal Xavante dentro da escola junto com brincadeira não indígena conforme a foto de minha autoria abaixo:



**Fonte:** Foto do autor Guinter Tsitsuru Tsu'Utumrêmedi.

A seguir, vou relatar um pouco sobre a escola multisseriada A'uwê Uptabi da minha aldeia, São José Tsi'rãmi.

### 1.1 A Escola Multisseriada A'uwê Uptabi

A Constituição Federal de 1988 inova frente às constituições passadas e concede aos indígenas brasileiros o reconhecimento a sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam. É na atual constituição que é reconhecida aos indígenas o respeito à diferença. (LIBERAL; LINO, 2017)

A escola multisseriada da minha aldeia, São José Tsi'rãmi, foi criada em 1993 com o nome Escola **Indígena São José Tsi'rãmi** Educação Municipal. Atualmente, nossa escola tem 30 anos incompletos. Dentro da escola tem duas salas, dois banheiros, Masculino e Feminino, e uma sala de cozinha.





Fonte: foto do autor Guinter Tsitsuru Tsu'Utumrêmedi.

Trabalham na escola como servidores indígenas: 1 Professor, 1 Merendeira e 1 profissional de Limpeza. Sempre tivemos funcionários para essas funções. Atualmente, ainda não tem diretor, coordenador e secretário, que são responsabilizados por nós na educação municipal na cidade, porque ainda não ampliou escola.

A Escola Indígena multisseriada São José Tsi'rãmi tem 20 alunos (as), mais um Professor que se chama, atualmente, Mateus Tserenhowatsihu Tseredzé. Ele sempre trabalhou nesta escola e até o presente com Educação Infantil e Séries Iniciais, fazendo aula multisseriada em uma sala. Durante a pandemia, eu observei e orientei dentro desta sala de aula junto com as crianças.

A nossa escola é uma sala anexa da Secretaria da educação do estado do Mato Grosso. Foi criada em 2015, tendo como sede a **Escola Estadual Deputado Mário Juruna** que se responsabiliza por nós. Nessa escola, tem Ensino Fundamental 5º a 9º anos e Ensino Médio até o presente. A escola tem um professor do Ensino Fundamental e um professor do Ensino Médio. Ainda não tem funcionários para fazer a merenda e nem para cuidar da limpeza da escola. A

escola tem 20 alunos no Ensino Fundamental e também 20 alunos no Ensino Médio.

Figura 2: **Escola Estadual Indígena Deputado Mário Juruna**



Fonte: foto do autor Guinter Tsitsuru Tsu'Utumrêmedi.

No próximo capítulo, vou contar um pouco do nosso processo educativo na escola indígena multisseriada.

## **CAPÍTULO 2 - A EDUCAÇÃO MULTISSERIADA NA ESCOLA INDÍGENA A'UWÊ UPTABI**

Antes dos 4 anos, as crianças ficam em casa mesmo. Elas esperam a idade de 4 anos para poder começar a frequentar a escola, conhecer a alfabetização e letramento, objetivos de desenho e de letra.

Depois que entram na escola, o professor tem todas as crianças juntas na mesma sala. Quando tem aula de educação física, todos brincam juntos. Na hora da alfabetização, o professor vai dividir as crianças entre crianças pequenas e crianças grandes. As crianças grandes vão participar da aula de alfabetização e letramento da escrita da língua portuguesa e da língua Xavante.

Na realidade, as crianças de 4 anos, da parte da Educação Infantil da escola multisseriada A'Uwê Uptabi, só brincam e fazem letras, treinam a mão, segurar o lápis. Depois de 4 anos, vai com professor na lousa para participar de alfabetização e letramento da escrita. As crianças de 4 anos registram o desenho no caderno.

As crianças chegam na escola às 7h e ficam até 11h. O resto do dia ficam em casa. Tem recreio de 20 minutos às 9h. Tem merenda que parece almoço com arroz, carne, feijão ou abóbora ou macarrão. Tem um cardápio. A merendeira indígena faz o almoço.

As crianças pequenas só falam xavante. As crianças grandes começam com a oralidade na alfabetização e letramento com nomes de alguma coisa, de animais em língua materna Xavante e em língua portuguesa escrita. As crianças têm respeito pelo professor e pelas outras crianças. Quando chegam na escola, elas falam: - Ida, Mateus!

Com as crianças pequenas, 4 e 5 anos, o Professor Matheus brinca com elas, e dá papel sulfite para elas realizarem as atividades. No final do semestre, o professor entrega as atividades das crianças para as famílias.

As crianças gostam de ir para escola porque vão aprender coisas novas. Em relação à cultura, elas já participam fora da escola. O professor brinca de brincadeiras não indígenas na escola.

Para entender como o professor e a professora indígenas trabalham, a gente apresenta alguns relatos de professores indígenas sobre os Anos iniciais do Ensino

Fundamental que ouvi durante meu estágio na escola e em conversas com professores indígenas de outras aldeias.

## **2.1 Relatos dos Professores Indígena A'uwê Uptabi na minha narrativa**

Eu pedi para os professores que não são da minha aldeia gravarem áudio no WhatsApp sobre a experiência deles na escola. Não tinha como eu chegar nas aldeias deles, é muito longe. Dentro da aldeia tem Wifi e Rede social, então eu pedi para as professoras e professores contarem e gravarem sobre como é sua experiência, seu trabalho na escola com as criança. Eles me passaram os áudios e eu registro aqui no TCC para os leitores terem uma ideia da nossa realidade.

O Professor Mateus Tserenhowatsihu Tseredzé é o único professor da C.M.E.B.I, Escola Centro Municipal de Educação Básica Indígena São José. Ele me disse que, primeiramente, prefere alfabetizar e, ao mesmo tempo, praticar brincadeiras, para tirar a pressão da aprendizagem dos alunos.

Daí em vez de os alunos não aprenderem e terem defasagem nas disciplinas, ele procura equilibrar os processos de aprendizagem entre o alfabetizar letrando e o alfabetizar brincando. Ele trabalha na Educação Infantil e Séries Iniciais Multisseriada. Então dentro da sala, ele me disse que primeiro as crianças aprendem Alfabeto xavante e o Alfabeto português.

Um outro professor indígena, José Uratsé Aihé'édi, que atua na Escola Dom Filippo Rinaldi na Aldeia São Marcos, me relatou que trabalhou como professor substituto no ano de 1998 e 1999. Alguns professores indígenas avisaram que tinha vaga para substituir na educação Infantil. Então aprendeu como ficar com as crianças. Ele estudava em curso de Magistério e terminou o magistério em 2000 e continuou trabalhando com as crianças.

Depois dessa aprendizagem inicial, o professor José Uratsé disse que começou a trabalhar como professor da Educação infantil e séries iniciais, em 2001 e até no presente. Completou 21 anos de trabalho e gosta muito de crianças dentro da sala. Aprendizagem com eles tem desenho e escrita, também troca língua

portuguesa para a língua materna xavante, mas não só dando aula e tem brincadeira.

O Professor Crescêncio Waihiwê Pini'awê trabalha com Educação Infantil na Escola Juscelino "Tserema'a". No relato de sua experiência, ele disse que as crianças em 5 minutos ficam na aula, depois eles precisam de alguma coisa ou brincar e comida. Então crianças dentro da sala primeiro aprendem a olhar, sobre a natureza e frutas, aí também aprendem nomes natureza, frutas, animais.

Segundo Crescêncio, as crianças entram na escola para aprender letramento e alfabetização, desenho e escrita e também treinar as mãos deles para saber escrever os seus nomes. E dentro da sala, aprendem sobre nossa cultura, dança do sol, dança da corrida de tora buriti, dança da noite, dança do cerimonial. Aprendem duas coisas: língua materna, xavante e língua portuguesa.

Um outro professor indígena, Adalto Tsere'wanhitsérêwê Tserewarõtôwê, que trabalha na Escola Sagrada Família, me contou que ele começou a trabalhar em 2013, na Educação infantil e séries iniciais. Primeiro desenho, escrita das vogais portuguesa e em xavante, depois treinar os nomes deles. Também desenvolve atividades de escrita do texto e leitura do texto.

O professor relata que algumas pessoas ainda não sabem escrever e que segura na mão deles para ajudar a aprender. Nossa escola é diferenciada. Quando tem festa, todos paralisaram as aulas. Nosso calendário escolar é diferenciado dentro da escola indígena. Ele completou até o presente 10 anos de trabalho.

O Professor Vicêncio Tsa'amri Uratsé relatou sua experiência na Escola indígena Juscelino Tserema'a, onde trabalha desde 2013 para Educação infantil, então sua experiência inicial foi com as crianças menores. No dia-a-dia, começava fazendo as crianças passearem na natureza e no rio também, depois, dentro da sala, também começou letramento e alfabetização e desenho, escrita dos animais, trabalhando com nossa cultura de dança e música de dança não indígena.

Ele completou 11 anos de trabalho como professor e, atualmente, está trabalhando no Ensino Fundamental anos finais. Ele se formou no Magistério em 2015, e relatou que o curso de Magistério preparou ele para trabalhar com as crianças, por isso adora muito trabalhar na escola.

O Professor Luiz Miguel Aptsara'ra trabalha na Escola Indígena Juscelino Tserema'a. Ele terminou o mestrado em 2018. Me disse que antes da aula, ele brinca com as crianças, mas tem algumas que não querem brincar. Depois começa a aula com Matemática, numeração de 0 a 10, depois as vogais e consoantes, com escrita na lousa e leitura e no caderno. Tem 15 minutos de intervalo. Ele disse que gosta muito de dar aula para crianças e de sua experiência como professor na aldeia.

Um outra Professora indígena que conversou comigo foi Mercedes Ró'órãhipa Tsöröpré que trabalha na escola Dom Filippo Rinaldi na Aldeia São Marcos. Ele me relatou que no início trabalhou na Educação Infantil nessa escola, que treinava as crianças para fazer bolinha de cera com as mãos e que depois, dando aula nas séries iniciais, começava com as vogais da língua portuguesa (A, E, I, O, U), desenho das letras e escrita de palavras como Árvore, Abelha, Aves, Escola Escada, Escova, Cupim, Olho, Urucum e outras. Fazia o mesmo com a língua materna Xavante, começando com as vogais (A'õ, A'ódó, Apa, ÊNÊ, I, Ói'ó, Ódó, Uprê, U'u), iniciando a alfabetização nas duas línguas. Ao mesmo tempo, trazia a cultura para dentro da sala de aula, dançando com eles.

Na escola indígena da minha aldeia, tinha muita dificuldade para conseguir material didático na língua xavante e língua portuguesa, então era um desafio muito grande desenvolver a alfabetização e letramento com as crianças. No capítulo, a seguir, eu conto um pouco sobre minha experiência de alfabetização e letramento em língua portuguesa e língua Xavante.

### **CAPÍTULO 3 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO EM LÍNGUA PORTUGUESA E LÍNGUA XAVANTE NA ESCOLA MULTISSERIADA A´UWE UPTABI**

Quando comecei a escrever, primeiro aprendi a escrita do alfabeto da língua portuguesa: vogais e consoantes nas primeiras séries. Eu não sabia escrever, mas o professor me ensinou, me treinou para eu aprender devagar a escrever em língua portuguesa. Nessa época, eu só falava xavante. Depois, já na 4a. série, aprendi a escrever o alfabeto da língua Xavante: vogais e consoantes. Depois, eu aprendi também nomes de alguma coisa: animais, brinquedos, tudo. A partir da 4a. série, eu aprendia a escrever junto língua materna e língua portuguesa.

Para a pesquisadora Magda Soares (SOARES, 2009):

Letramento e Alfabetização são termos diferentes, porém, ambos devem caminhar juntos, a ideia é alfabetizar letrando. A Alfabetização é o processo no qual o indivíduo aprende a ler e a escrever, já o letramento além de saber a ler e a escrever, o indivíduo aprende a ler o mundo. Ele faz uso da leitura e da escrita no contexto social.

Eu nunca compreendi porque aprendemos primeiro a escrever a língua portuguesa que não é a nossa língua materna. Língua portuguesa eu aprendi na escrita pela história dos mitos do tatu, da galinha. Assim fui escrevendo devagarzinho. O professor contava a história em português e depois traduzia para a língua xavante.

Da 1a. série até a 3a. série, o professor traduzia de uma para outra língua. Primeiramente, eu aprendi a escrever as palavras em língua portuguesa porque é a nossa segunda língua. Depois aprendemos a escrita da língua materna que falamos desde que nascemos

O professor traduzia, por exemplo, “tatu” por “wãrãhõbö”. O professor escreve na lousa a palavra em português e a palavra em xavante. A gente lembra como se escreve a palavra em português e xavante pela memorização. O professor chama as crianças para escrever na lousa, por exemplo, “gato”, e ele corrige. Dentro da

minha aldeia, o professor Mateus que está hoje na escola alfabetiza as crianças da mesma forma que quando eu era criança.

Antes de ir para a casa do adolescente, o Ho, eu já lia na cartilha de língua portuguesa. Usei o mesmo livro nas 4 séries iniciais do ensino fundamental. O professor traduzia oralmente o que está escrito para a língua xavante. As crianças lêem em português sem saber o que significa.

A partir da 4a. série, as crianças Xavante aprendem na escrita, na alfabetização, as cinco vogais (5) da língua xavante. Elas desenham as vogais primeiro.

### **NOMES DE VOGAIS NA LÍNGUA XAVANTE E EM LÍNGUA PORTUGUESA**

<b>Língua Materna</b>	<b>Língua Portuguesa</b>
<b>A – A'õ</b>	A - Jatobá
<b>E – Ênê</b>	E - Pedra
<b>I – I</b>	I - Cupim
<b>O – Ódó</b>	O - Cigarro
<b>U – Udzö</b>	U - Fogo

Atualmente, tem pouco livro de alfabetização em língua xavante. Tem um livro feito pelos missionários, mas ainda falta criar livro bilíngue junto com as professoras e professores indígenas.

É importante aprender a língua materna, na fala e na escrita, na escola indígena assim como é na escola não indígena dos meus estágios durante a universidade.

A alfabetização não acontece apenas no ambiente escolar, ela pode acontecer também na fora. O processo de leitura e escrita, é uma etapa muito importante para as crianças desenvolverem. O professor pode ser ajudar aplicando atividades na dentro da sala de aula, ou seja, também têm algumas pessoas curiosas com crianças para aprender as dúvidas deles.



Os jogos de brincadeiras são necessários muito para eles, por isso também o professor facilita brincar com as crianças. Alfabetizar e brincar são importantes para as crianças.

### 3.1 Relato da minha experiência de estágio na escola multisseriada A'uwê Uptabi

Primeiramente, eu estou aqui no presente, principalmente, dentro da minha aldeia, Escola São José. Tsi'rãmi. A escola só era Escola básica municipal. Nossa escola é multisseriada porque há poucos alunos, cerca de 15 a 20 alunos. Por isso, ela é multisseriada. São duas salas, mas só uma sala tem professor. O professor Matheus dá aula para todas as crianças.

As crianças aprendem alfabetização e letramento em escrita de Língua Portuguesa nos três primeiros anos do Ensino fundamental e escrita da Língua Materna Xavante a partir da 4a. série..

Figura 1: Criança fazendo atividade na lousa na Escola São José Tsi'rãmi



Fonte: foto do autor Guinter Tsitsuru Tsu'Utumrêmedi.

Nesta atividade, a criança tem de ligar a palavra em português com a palavra em Xavante conforme abaixo:

<b>GATO</b>	NHÖRÖNIRE
<b>ONÇA</b>	RÖMNHORÉDZÉ
<b>CASA</b>	'RI
<b>ESCOLA</b>	HU

Quando eu for professor, vou levar a cultura do Xavante para dentro da escola, fazer um planejamento de pintura corporal. Essa atividade é importante porque as crianças têm que aprender por que pintamos o corpo e valorizar nossa cultura. Tem que trabalhar junto a língua Xavante, a língua portuguesa e a cultura.

O professor Matheus fala com as crianças mais velhas em Xavante e traduz o que estiver escrito na lousa em língua portuguesa para a língua xavante. Por exemplo, conta os números em xavante e depois em português. É difícil aprender a escrever em xavante e em português. Não é fácil para as crianças. A minha filha está na escola, mas ela nunca me ouviu falar em português.

Para trabalhar com as crianças, o professor tem folhas de sulfite, caderno, giz de cera, mas não tem livro didático em língua xavante. O professor só tem a lousa e giz, alfabeto móvel para passar as atividades. A escola tem caixa de som que liga no *bluetooth* do celular para tocar música no intervalo ou em alguma atividade. O professor toca música em xavante e não-indígena. O professor também pode colocar o pen-drive na caixa de som e tocar música brasileira, boliviana ou peruana.

Não tem livros de literatura infantil em língua xavante. O professor Matheus primeiro conta as histórias em português e depois traduz para a língua Xavante.

## Considerações Finais

Eu era menino, eu estava na minha aldeia e não estava estudando na minha aldeia ainda. Meu pai pensou em me deixar na Escola Dom Filipo Rinaldi com minha avó Isaurina e ela me acompanhou durante minha vida na escola.

Na escola, quando começava a aula, eu não sabia escrever na nossa língua, só falar. No meu estudo, no pré-jardim, eu aprendi primeiro alfabetização e letramento de língua portuguesa, vogais e consoantes. Também aprendi história e mitos da língua portuguesa.

Depois, aprendi alfabetização e letramento em língua materna. Depois, eu aprendi os nomes dos animais. Eu ouvi o nome tatu, mas na minha língua materna não sabia escrever. Como vou escrever esse nome em Xavante?

Depois fui aprendendo o nome de algumas plantas, de animais, todos em língua materna. A partir da 4a. série, eu comecei a aprender junto língua portuguesa e língua materna.

Quando cheguei na UFSCar campus Sorocaba, eu não sabia conversar com todos os professores e todos os alunos da minha turma em língua portuguesa fluente. Agora, da minha maneira, quando eu voltar para a minha aldeia, eu vou mostrar a minha experiência e trabalhar com as crianças primeiro com língua materna Xavante.

Paulo Freire falou que educadores e educadoras tem que ensinar e aprender a alfabetização da língua portuguesa ou língua materna. Tem que ensinar e aprender a nossa cultura também. Tem que ensinar respeito de nomes: adultos, anciãos. O Paulo Freire fala que tem que pegar a realidade de quem vai aprender e trabalhar com essa realidade. O mais importante do texto do Paulo Freire é que quando eu voltar eu vou levar minha experiência da importância de aprender primeiro a escrever a nossa língua na escola e valorizar a nossa cultura na escola para avançar a sabedoria dentro da escola.

Quando meu pai me deixou na Aldeia São Marcos, em 2001, para eu fazer a escola Dom Filipo Rinaldi. Eu entrei na escola sem saber nada de alfabetização e letramento, vogais, consoantes.

Quando comecei, primeiro aprendi vogais e consoantes, a escrita do alfabeto do Xavante. Depois, eu aprendi também nomes de alguma coisa: animais,

brinquedos, tudo. Depois, eu não sabia escrever, mas o professor me ensinou, me treinou para eu aprender devagar a escrever em Xavante.

Também aprendi a escrita da língua portuguesa: vogais e consoantes. Acho que é a mesma coisa, eu aprendia junto língua materna e língua portuguesa. Nesse época, eu só falava xavante. Língua portuguesa eu aprendi na escrita pela história dos mitos do tatu, da galinha. Assim fui escrevendo devagarzinho. O professor contava a história em português e depois traduzia para a língua xavante.

Da 1a. série até a 3a. série, eu escrevia as palavras ou frases nas duas línguas. O professor traduzia de uma para outra língua. Primeiramente, eu aprendi a escrever as palavras em língua portuguesa porque é a nossa segunda língua. Depois aprendemos a escrita da língua materna que falamos desde que nascemos. Na escola, primeiro aprendi o alfabeto português e depois o alfabeto Xavante. O professor traduzia, por exemplo, “tatu” por “wārāhōbō”. O professor escreve na lousa a palavra em português e a palavra em xavante.

A gente lembra como se escreve a palavra em português e xavante pela memorização. O professor chama as crianças para escrever na lousa, por exemplo, “gato”, e ele corrige. Dentro da minha aldeia, o professor Mateus também trabalha a alfabetização igual quando eu era criança.

Meu nome, por exemplo, é Guinter, nome em português. Na aldeia, se usa o nome de respeito. Meu pai nunca me chamou pelo nome Guinter, ele me chama de Aibo, que é o nome do respeito, porque já passei todo o ciclo do rito de passagem do adolescente. Por isso, agora me chamam de Aibo. Guinter só está nos documentos.

Minha filha, eu chamo na língua xavante, o nome dela na língua portuguesa é Deuslaine que o jeito que aparece nos documentos. Só usam meu nome em português fora da Aldeia.

Primeiro eu aprendi a escrever meu nome, Guinter, e depois meu sobrenome em língua materna xavante. Meu nome do registro não é o mesmo do nome da língua materna. Antes de ir para o Ho, casa do adolescente, eu já lia na cartilha de língua portuguesa. Usava o mesmo livro nas 4 séries do ensino fundamental. O professor traduz oralmente o que está escrita para a língua xavante. As crianças leem em português sem saber o que significa.

Meu pai e minha mãe deram o nome da minha filha. Minha filha se chama Tsinhotse'e wari como minha mãe. No cartão de vacina, meu sogro colocou o nome

errado: Tsinhotse´e wari. O nome do meu pai é Venâncio Tsu´utumremedi. O da minha filha é ? Deuslaine Tsinhotse´e wari Tsitsuru. Meu nome é Ginter Tsitsuru Tsu´utumremedi.

Quando eu estudava em outra cidade, eu gostei muito de minha colega. Ele se chamava Deuslaine. Eu gravei e coloquei o nome para minha filha.

A mãe dela chama a filha pelo nome Xavante, Susewari. O pai e os avós também. As outras pessoas usam o nome de respeito, Oti (neta). Quando você já passou por toda a formação, você pode usar o nome de respeito para falar com todas as pessoas da Aldeia.

Meu avô, Franco, me deu o nome de Ginter porque ele ganhou o nome de um padre de Brasília. Ele levou minha avó para o centro de retorno de exames médicos e quando ele foi lá, ele ganhou o nome que será dado para mim. O meu nome Tsitsuru, meu avô que me deu pelos ancestrais da minha avó, do pai dela, meu bisavô.

O nome do Xavante vem dos nossos ancestrais, nosso ancião, nosso avô conseguiram através do sonho. O povo do sonho vai sonhar e gravar os nomes na memória para quando nascer os netos ou netas, o avô, ancião vão dar o nome para eles. Os sonhos dos ancestrais, anciãos, nossos avôs e adultos. Eu também já tenho nome que eu sonhei para os meus netos.

O português, segunda língua, é bem difícil para nós, por isso a gente aprende a escrever nosso nome em língua portuguesa. A partir da 4a. série, a gente aprende a escrever em Xavante. Os professores que dizem que é assim que tem de ser: aprender primeiro português. Acho importante a gente aprender a ler e a escrever em português. Nós já falamos nossa língua mãe, então não tem problema de aprender a escrever em português primeiro.

A escola indígena tem pouco livro e material didático. Só temos essa cartilha dos salesianos para trabalhar com as crianças e os professores em língua Xavante. Todos os outros livros que têm na escola são em língua portuguesa.

Tenho que ensinar primeiro a escrever na nossa língua e depois em língua portuguesa. Para mudar essa realidade na minha aldeia, eu preciso de material didático em língua Xavante para cada criança poder realizar as atividades em sua língua materna.

Vou ensinar para as crianças primeiro a escrita da nossa língua Xavante na lousa mesmo, a língua materna em primeiro lugar. Minha experiência na escola vai ser diferente, eu vou ensinar a escrever a língua materna primeiro.

## Referências

**DAMREME** Waihu´u Na´ratazé A´uwê Uptabi - Xavante. Cuiabá, EdUFMT, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1987.

RUPRE, Laerte Tsimbarana. **PEDAGOGIA A´UWE : PROCESSOS EDUCATIVOS, CONHECIMENTOS E TRADIÇÕES DO POVO XAVANTE**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia. Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2018.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte, Autêntica, 2009.

TSAWEWA, Martinho Tsire Edi; ZOIA, Alceu. Algumas considerações sobre a educação da criança Xavante. **Revista Tellus**, Campo Grande, MS, ano 16, n. 30, p. 111-131, jan./jun. 2016. Disponível: <http://www.gpec.ucdb.br/projetos/tellus/index.php/tellus/article/view/379>

TSI'RUI'A, Aquilino T. **A Sociedade Xavante e a educação: um olhar sobre a escola a partir da pedagogia Xavante**. Dissertação de Mestrado. Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2012. Disponível: <https://site.ucdb.br/public/md-dissertacoes/8239-a-sociedadexavante-e-a-educacao-um-olhar-sobre-a-escola-a-partir-da-pedagogia-xavante.pdf>.

UMNHATE, José Robri. **A construção do livro *Wedehu Podo* em língua materna Xavante. Diálogo, Alfabetização, Saberes e Cultura**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia. Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2018.